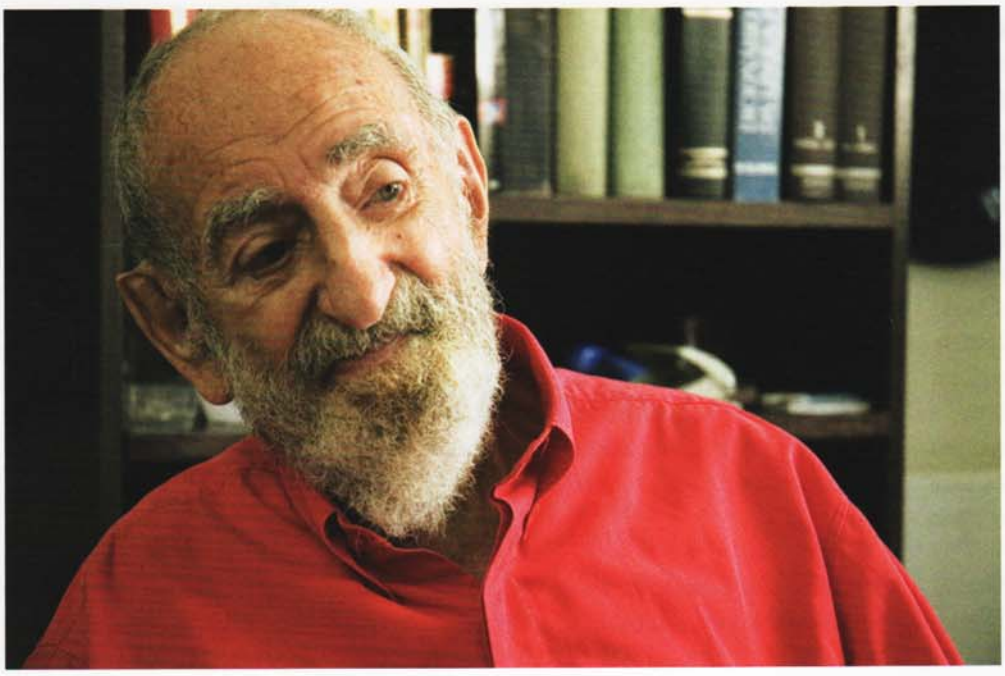
Pedro Moreira



Alexandre Altberg no aniversário de cem anos: princípios construtivos da Bauhaus, hoje universalmente reconhecidos como a mais importante influência na arquitetura do século 20, foram introduzidos nas edificações que o arquiteto concebeu no Brasil na década de 1930

Um pioneiro esquecido da arquitetura moderna no Brasil

Alexandre Altberg, que recentemente completou cem anos de idade, estudou na célebre Bauhaus de Dessau antes de deixar a Alemanha, em 1931, e projetou, no Brasil, algumas das primeiras edificações segundo os cânones modernistas. Por **Pedro Moreira**, de Berlim

No último dia 29 de junho, o arquiteto Alexandre Altberg completou cem anos de idade. Nascido em Berlim no bairro de Wilmersdorf, filho de um comerciante austríaco e uma médica russa, ambos judeus, em 1931 emigrou para o Rio de Janeiro, cidade onde viveu por 71 anos. Desde 2002, mudou-se para a pacata Marília, terra natal de sua quarta esposa, Odete. Em sua casa, o exercício da memória tornou-se rotina. Há muito esquecido pela historiografia oficial da arquitetura moderna no Brasil, ele foi localizado em 2003 e, desde 2005, vem ocorrendo uma redescoberta e reavaliação de sua contribuição para o modernismo na arquitetura, no Brasil tanto quanto na Alemanha.

Em sua infância em Berlim, Altberg convivia com os círculos da esquerda da República de Weimar. Seus pais foram amigos da família de Leon Trotsky. Ainda menino, acompanhava a mãe a manifestações políticas e assistiu a uma das últimas aparições públicas da líder socialista Rosa Luxemburgo, pouco antes de seu assassinato por agentes de direita em 1919. Seu pai, feito prisioneiro durante a 1ª Guerra Mundial, passou anos na Mandchúria antes de retornar a Berlim, no início dos anos 1920.

Em 1925, aos 17 anos de idade, Altberg começou a freqüentar o curso de iniciação da Bauhaus. Naquele ano, esta escola, que lançou os fundamentos do modernismo arquitetônico na Alemanha, instalava-se, ainda em condições precárias, na cidade de Dessau, depois de ter sido expulsa de Weimar. Pressionado pelo pai, Altberg transferiu-se, no ano seguinte, para a Escola Politécnica de Oldenburg, já que a Bauhaus ainda não oferecia diplomas de graduação. Seu entusiasmo pela estética

e pela filosofia da arquitetura moderna, porém, já estava ancorado.

Em Oldenburg, escola de engenharia à moda antiga, Altberg foi co-fundador da Liga de Estudantes Judeus, atividade que o levaria a sofrer represálias dentro da instituição. Seu diploma de graduação, defendido em 1929, só lhe seria outorgado anos depois, após veemente protesto de seu pai.

A partir de 1928, Altberg trabalhou no escritório Korn & Weizmann, de Berlim, um dos mais engajados escritórios da vanguarda arquitetônica naqueles anos. Participou de projetos importantes, como o complexo da fábrica de preservativos Fromms Act, em Berlim-Köpenick, e o da perfumaria Kopp & Joseph, localizada no elegante bulevar Kurfürstendamm, cuja surpeendente fachada consistia de uma única placa de vidro com quase 7 metros de altura, uma proeza técnica à época. Altberg envolveu-se, ainda, nos projetos para a Intourist, agência oficial de viagens à União Soviética, localizada no bulevar Unter den Linden.

Em 1931, junto com Arthur Korn e vários jovens arquitetos, participou da importante "Exposição de Arquitetura Proletária", mostra paralela à oficial I Berliner Bauausstellung (I Exposição de Edifícios de Berlim), cuja estrela foi o arquiteto Mies van der Rohe. No mesmo ano, porém, ante a crescente ascensão da direita no cenário político alemão, seus pais decidiram emigrar para o Rio de Janeiro e, poucos meses depois de sua partida, Altberg os seguiu, levando na bagagem seu violoncelo, alguns livros da Bauhaus e revistas sobre arquitetura moderna. Antes de embarcar em Bremen, Altberg foi atacado no cais por um grupo de extremistas de direita e, como ele mesmo reporta, só foi salvo pela intervenção de prostitutas.

Logo nas primeiras semanas depois de sua chegada ao Rio, conheceu o arquiteto Gregori Warchavchik, que acabara de inaugurar a primeira casa modernista do Rio de Janeiro, situada à rua Toneleros, em Copacabana. Em seguida, Warchavchik inaugurou, na mesma cidade, a "Exposição do Apartamento Moderno para o Sr. Dias Ferreira", e Altberg, ainda sem trabalho, serviu por um mês como "zelador", recepcionando o curioso público carioca. Em seguida, fez contato com a Associação dos Artistas e Amigos da Arte de Língua Alemã, freqüentada por muitos europeus de origem judia, e que em breve daria origem à Pró-Arte. Assim, entrou em contato com os pintores Lasar Segall, que visitaria algumas vezes em São Paulo, e com Alberto da Veiga Guignard.

Arquivo Alexandre Altberg

Pedro Moreira

As três casas modernas de Altberg, à Rua Paul Redfern, em Ipanema, à época de sua construção e hoje: caráter do projeto original diluiu-se no entorno eclético do bairro e foi parcialmente desfigurado por reformas que não levaram em conta a integridade da construção original

O pai de Altberg iniciou, em 1932, a compra de pequenos terrenos no novo subúrbio de Ipanema, e o arquiteto construiu, nesse mesmo ano, um grupo de três casas modernas, à rua Paul Redfern. Na casa do meio residiria a família Altberg; as outras duas eram de aluguel. As construções atraíram o interesse dos estudantes modernistas da Escola Nacional de Belas Artes, que batiam à porta desejando visitá-las. No ano seguinte, do outro lado da rua Paul Redfern, Altberg construiu para Adalbert Vertecz, húngaro, exportador de café, uma casa isolada de três andares, incluindo o mobiliário, que demonstra o

alto nível de sofisticação técnica e estética do então jovem arquiteto. Também em 1933, participou da montagem do 1º Salão de Arquitetura Tropical, no qual tomaram parte os principais nomes ligados à corrente modernista no Rio de Janeiro. Altberg foi o autor do catálogo e do convite, que contém uma colagem feita com imagens de suas obras e das de Warchavchik. Com o galerista Theodor Heuberger, montou no Rio uma retrospectiva da artista berlinense Käthe Köllwitz, na sede da Pró-Arte, que em seguida foi vista em São Paulo no CAM – Clube de Artistas Modernos, sob os cuidados de Flávio de Carvalho. A partir dessas duas mostras, a obra de Käthe Köllwitz viria a influenciar várias gerações de artistas gravadores no Brasil.

Ainda em 1933, Altberg fundou a *Base – Revista de Arte, Cultura e Pensamento*, como órgão de propagação do ideário moderno na arquitetura, nas artes plásticas, na literatura, poesia, cinema, música e artes gráficas. O projeto gráfico dessa publicação foi um marco na renovação das artes gráficas no Brasil. A apresentação do nº 1 da *Base* foi feita por Mário de Andrade, e a revista era publicada com o apoio de Lasar Segall, Gregori Warchavchik, da Família Klabin, e de Flavio de Carvalho, todos de São Paulo. Altberg conseguiu publicar três números da revista, e a encerrou em 1934, por falta de patrocínio e por calotes dos principais assinantes, os Clubes de Artistas do Rio (Pró-Arte) e de São Paulo (SPHAM e CAM).

Sem saber da participação de Warchavchik no Congrès International d'Architecture Moderne (CIAM), em 1934 Altberg entrou em contato com seu ex-mestre da Bauhaus, Walter Gropius – que nesse momento já emigrava para a Inglaterra – com a intenção de montar uma representação do CIAM no Brasil. Uma carta de Gropius a Altberg, datada de 1935 e não recebida por ele, foi encontrada em 2004 no Gropius Archives em Harvard, EUA, e entregue a seu surpreso destinatário, setenta anos depois.

Convidado por Warchavchik a associar-se a ele em São Paulo, Altberg decidiu, no entanto, permanecer no Rio, uma vez que seus negócios com o pai estavam bem encaminhados. A convite de Carmen Portinho, engenheira da Prefeitura do Distrito Federal, Altberg projetou, em 1934-35, o Edifício do Montepio dos Empregados Municipais do Rio de Janeiro, um dos primeiros edifícios modernos na cidade, junto à Central do Brasil. Esta obra antecede o projeto da ABI, dos Irmãos Roberto, e os grandes concursos de 1935-36. Logo após a abertura da av. Presidente Vargas em 1942-43, porém, o edifício foi demolido. Em 1935, Altberg ganhou, junto com o escultor Lélio Landucci, o 1º Prêmio no concurso para o Ginásio e Estádio de Ilhéus. Por causa de reviravoltas políticas na Bahia, Altberg não recebeu o dinheiro do prêmio, nem foi informado de que seu projeto fora construído, em 1939. Esta seqüência de episódios marca o início do esquecimento de sua contribuição ao movimento moderno no Brasil.

Logo nas primeiras semanas depois de sua chegada ao Rio, conheceu o arquiteto Gregori Warchavchik, que acabara de inaugurar a primeira casa modernista do Rio de Janeiro, em Copacabana

Em 1934, naturalizou-se brasileiro e, em 1938, seu título profissional foi finalmente reconhecido pelo Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura. Até 1939, Altberg construiria mais de uma dezenas de predinhos de aluguel de linhas modernas nos bairros de Ipanema, Leblon, Gávea e Urca. Por volta de 1939-40, rompeu relações com o pai, e encerrou esse tipo de atividade. Logo após a 2ª Guerra Mundial, realizou uma reforma e extensão da Embaixada Soviética no Rio de Janeiro e organizou ali diversas exposições. Visto ao mesmo tempo como alemão, judeu e comunista, num período em que o Brasil de Vargas estreitava cada vez mais os laços com os EUA, Altberg encontrava pouco trabalho e aos poucos passou a dedicar-se a outras atividades. Montou uma pequena fábrica de móveis, e em anos seguintes passou a dedicar-se ao comércio de arte e antigüidades, viajando intensamente pelo Brasil e América Latina entre as décadas de 1950 e 1970. A partir de 1957, manteve a loja de móveis e decoração Altberg & Weil, no bairro de Botafogo. Durante décadas foi administrador do Edifício Panamérica, em Botafogo, onde teve como vizinho e amigo o poeta Manuel Bandeira.

Nos anos 1980, viajou a Berlim e fez a doação de cerca de vinte gravuras de Käthe Köllwitz, que em 1933 não puderam ser restituídas à Alemanha e permaneceram em seu poder, ao recém-fundado Käthe-Kollwitz-Museum-Berlin. Ao mudar-se do Rio de Janeiro para Marília, aos 94 anos de idade, ainda encontrou energia para montar uma galeria de arte e antigüidades na cidade, que fecharia um ano mais tarde, por falta de interesse do público. Utilizando-se do computador, nos dois últimos anos Alexandre tem se dedicado a escrever suas memórias, para a família.

Ao celebrar este especial aniversário em Marília, Alexandre Altberg recebeu um convite do Prefeito de Berlim, Klaus Wowereit, para visitar sua cidade natal em setembro. Lúcido e gozando de ótima saúde, Altberg se prepara para a viagem, e é aguardado por diversas instituições ligadas à história da Bauhaus. ■

Pedro Moreira é arquiteto e historiador, sócio do escritório de arqutietura Nedelykov & Moreira, de Berlim

REVISTA 18

Ano VI - número 25 - Setembro / Outubro / Novembro 2008

CENTRO DA CULTURA JUDAICA
Casa de Cultura de Israel

Bene Israel

Visita aos judeus de Bombaim

A humanidade eterna de Irena Sendler

A luta pelo meio ambiente de José Goldemberg

Marc Chagall no Centro da Cultura Judaica

ISSN 1809-4783